

ALIMENTOS TRANSGÊNICOS: NO MEU PRATO NÃO?¹

Renata Menasche²

RESUMO

Este trabalho pretende discutir as representações sociais de consumidores gaúchos a respeito de alimentos geneticamente modificados. Para isso, as visões e comportamentos de moradores de Porto Alegre entrevistados são interrogados a partir de perspectivas que se propõem a apreender suas percepções de risco e suas representações referentes à alimentação.

PALAVRAS-CHAVES: transgenia, representações sociais, percepções de risco, antropologia da alimentação, Rio Grande do Sul

INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte do estudo realizado como Tese de Doutorado junto ao Programa de Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que se propôs, a partir de dados obtidos através de pesquisa etnográfica desenvolvida junto a agricultores de duas distintas regiões rurais do Rio Grande do Sul e de entrevistas em profundidade realizadas junto a vinte e cinco moradores de Porto Alegre, a analisar as representações sociais de consumidores e agricultores gaúchos a respeito de alimentos e cultivos geneticamente modificados (MENASCHE, 2003).

Buscar-se-á neste trabalho elencar brevemente algumas das reflexões ali desenvolvidas a respeito das representações sociais sobre alimentos transgênicos dos consumidores gaúchos entrevistados.

SOMOS O QUE COMEMOS: A CULTURA NA ALIMENTAÇÃO

É sabido que a satisfação das necessidades nutricionais é condição indispensável para a sobrevivência dos seres humanos. Mas, ao mesmo tempo, que os significados da alimentação não podem ser apreendidos apenas a partir de indicadores nutricionais. Como dito por Fischler (1979, p.1), o homem é um onívoro que se alimenta de carne, de vegetais e de imaginário. Assim, o ato alimentar implica também em valoração simbólica. Dessa forma é que podemos entender que o que é considerado comestível em uma sociedade – ou em um grupo social – não o é em outra.

¹ Submetido à avaliação da Comissão Organizadora do I Congresso Brasileiro de Agroecologia (a realizar-se em Porto Alegre, de 18 a 21 de novembro de 2003) para **apresentação oral no Grupo Temático "Sociedade e Natureza"**.

² Pesquisadora da Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária (Fepagro) e professora da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). E-mail: menasche@portoweb.com.br

Se as classificações, práticas e representações que caracterizam um sistema culinário agem na incorporação do indivíduo a um grupo social, também se pode afirmar que, ao se alimentar, o indivíduo incorpora as propriedades do alimento. Temos aí o *princípio da incorporação*, como proposto por Fischler (1993, p.66-70). Para esse autor, a *incorporação*

é o movimento através do qual fazemos o alimento transpor a fronteira entre o mundo e nosso corpo... incorporar um alimento é, em um plano real, como em um plano imaginário, incorporar todas ou parte de suas propriedades: tornamo-nos o que comemos. [...] É certo que a vida e a saúde da pessoa que se alimenta estão em questão cada vez que a decisão de incorporação é tomada. Mas também está em questão seu lugar no universo, sua essência e sua natureza, em uma palavra, sua própria identidade: o objeto incorporado intempestivamente pode lhe contaminar, lhe transformar... (FISCHLER, 1993, p.66; 69)

É a partir desse quadro interpretativo e refletindo sobre a comida industrializada das sociedades contemporâneas que poderemos compreender a ansiedade dos moradores de Porto Alegre entrevistados ante a presença de elementos desconhecidos nos alimentos a eles disponibilizados. E, associada a essa ansiedade, a desconfiança que expressam em seus depoimentos diante dos alimentos transgênicos.

O RISCO À MESA

Uma vez que ninguém pode preocupar-se com todos os riscos potenciais com que se depara no dia-a-dia, e que há discordância sobre o que é arriscado, como é arriscado, e o que fazer a respeito, como as pessoas decidem quais riscos considerar e quais ignorar? Para Douglas e Wildavsky (1982), a resposta a esta questão pode ser encontrada a partir da teoria cultural dos riscos.

As percepções de risco seriam determinadas pela organização social e pela cultura. Valores comuns conduziriam a medos comuns, afirmam os autores, argumentando que

a escolha dos riscos com os quais se preocupar depende das formas sociais selecionadas. A escolha dos riscos e a escolha de como viver são realizadas juntas. Cada forma de vida social tem seu próprio elenco de riscos típicos. (DOUGLAS; WILDAVSKY, 1982, p.8)

A questão que, então, aqui se coloca é: estariam os alimentos transgênicos entre os riscos com os quais os moradores de Porto Alegre entrevistados teriam escolhido se preocupar?

VISÕES E PRÁTICAS EM CONTRADIÇÃO: NO MEU PRATO NÃO?

O diálogo dos dados obtidos a partir de entrevistas e observação participante com as abordagens oferecidas pela antropologia da alimentação e pela análise das percepções de risco – aqui rapidamente mencionadas – conduziria a algumas conclusões interessantes, anunciadas a seguir.

Resumos do I Congresso Brasileiro de Agroecologia

Observou-se que para os consumidores entrevistados os alimentos transgênicos são percebidos como incluídos em uma série de medos contemporâneos, sendo associados a clone, radiação, vaca louca, mutação, má-formação fetal e câncer. Entretanto, mesmo considerando os transgênicos potencialmente nocivos e declarando sua rejeição a esses alimentos, foi evidenciado que os consumidores entrevistados não adotam a restrição a alimentos geneticamente modificados como critério de escolha de alimentos. Assim, ao mesmo tempo em que os alimentos transgênicos são afirmados como perigosos, entre tantos riscos com que se deparam em seu dia-a-dia os moradores de Porto Alegre entrevistados parecem não eleger esse como um dos riscos com os quais efetivamente se preocupar.

Pôde-se também identificar entre os moradores de Porto Alegre entrevistados a existência de ansiedade diante da *comida moderna*. Os produtos industrializados são desqualificados, ao mesmo tempo em que são afirmados como preferíveis os percebidos como *naturais*, associados a uma imagem idealizada do campo. Esses elementos indicariam uma disposição à rejeição aos alimentos transgênicos. No entanto, os mesmos alimentos produzidos pela indústria agroalimentar desqualificados nos depoimentos dos moradores de Porto Alegre entrevistados são por eles cotidianamente consumidos, o que leva a supor que o mesmo possa ocorrer com os alimentos geneticamente modificados.

Assim, seja a partir da perspectiva que busca apreender suas percepções de risco, seja a partir da perspectiva que se dedica a analisar suas representações em relação à alimentação, foi possível identificar que se entre a maior parte dos consumidores entrevistados os alimentos transgênicos são objeto de rejeição, esta não necessariamente encontra correspondência em suas atitudes diante das prateleiras dos supermercados e à mesa.

REFERÊNCIAS

DOUGLAS, Mary; WILDAVSKY, Aaron. **Risk and culture**: an essay on the selection of technological and environmental dangers. Berkeley: University of California Press, 1982. 221p.

FISCHLER, Claude. Présentation. **Communications**, Paris, 31, p.1-3, 1979.

_____. **L'omnivore**: le goût, la cuisine et le corps. Paris: Odile Jacob, 1993. 440p.

MACIEL, Maria Eunice; MENASCHE, Renata. Alimentação e cultura, identidade e cidadania: você tem fome de quê?. **ESPECIAL SEGURANÇA ALIMENTAR. Democracia viva**, Rio de Janeiro, 16, p.3-7, 2003.

MENASCHE, Renata. **Os grãos da discórdia e o risco à mesa**: um estudo antropológico das representações sociais sobre cultivos e alimentos transgênicos no Rio Grande do Sul. 2003. 287f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.